



Movimentos sociais, emoções e internet ¹

Amanda Medeiros²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

Este trabalho tem como objetivo delinear pensamentos introdutórios sobre vinculações possíveis entre *movimentos sociais*, *emoções* e *internet*. Como recorte de uma pesquisa de doutorado em processo de construção, lança um olhar, sob o prisma das teorias culturais e a partir do campo da Comunicação, para as possibilidades de mobilização política das emoções, no *ciberespaço*, por parte de movimentos sociais contemporâneos – em especial o Movimento Brasil Livre (MBL). A reflexão desenvolve-se norteada pela premissa de que, se por um lado, o fator emoção sempre foi explorado por tais grupos em suas táticas e estratégias de engajamentos e manutenção de apoiadores, por outro, a disseminação das TICs ofereceu as condições de possibilidade para que a dinâmica de atuação dos movimentos sociais ganhasse contornos originais - o que naturalmente demanda novas investigações.

Palavras-chave: Movimentos sociais; emoções; internet; redes de sociabilidade; mobilização política.

Introdução

Os movimentos sociais estão por toda parte, hoje profundamente entranhados no tecido da democracia moderna e da cultura contemporânea. Se o fator *emoção* sempre foi explorado nas estratégias e táticas (CERTEAU, 2007) de recrutamento e permanência ativa desses grupos, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) – potencializadas especialmente com a popularização da internet – ofereceram as condições de possibilidade para que a dinâmica de atuação de movimentos socialmente organizados ganhasse contornos originais. Uma vez acrescido um novo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Subjetividade, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutoranda em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM da ECO/UFRJ; Mestre em Estudos da Mídia pelo PPGEM/UFRN e Comunicadora Social – Jornalista também pela UFRN. Atualmente pesquisadora no campo das relações entre Movimentos Sociais, Emoções e Política, vinculada ao grupo de estudos NEMES/CNPq. Email: amanda.cnth@gmail.com



ingrediente, a receita não é mais a mesma. Esta (re)configuração do cenário de vivência dos movimentos sociais, demanda, portanto, esforços investigativos no sentido de compreendê-lo a partir das vinculações existentes entre tais movimentos, as emoções por eles mobilizadas, e uso da internet nas missões empreendidas.

A amplitude, velocidade e potencial de impacto das manifestações que eclodiram ao redor do mundo nos últimos anos possibilitaram que tais atos fossem vistos como consequência direta de uma espécie de propagação viral, em que protestos localizados difundiram-se, atravessaram cidades, estados e países, adquirindo a condição de um fenômeno em cadeia (BARREIRA, 2014). Se nas ciências biológicas a ideia de disseminação viral diz respeito a algo abrangente, veloz e que dificilmente será controlado, no campo dos estudos comunicacionais é inviável que pensemos hoje sobre contágio virulento sem levar em conta o papel da internet neste processo.

Cada qual com a sua *bandeira*, movimentos diversos atuam em rede buscando a atenção e o apoio do maior número possível de pessoas através da ocupação vital, contínua e simultânea de espaços físicos e virtuais (CASTELLS, 2017). As TICs mostram-se, pois, essenciais à amplitude do alcance de estratégias de engajamento e manutenção de apoiadores. O baixo custo de produção de conteúdo, a rápida circulação de dados e o acesso facilitado à grande maioria das informações disponibilizadas fazem da internet um terreno fértil para a multiplicação da narrativa de movimentos que lideram ações políticas no mundo contemporâneo. Todavia, acreditar que esse tipo de apropriação da internet é, neste contexto, o principal ou, mesmo, o único fator que oferece as condições necessárias à mobilização política por parte desses movimentos configura-se em uma forma simplória de tratar uma questão bem mais ampla e complexa. Seria reduzir o ser humano a uma espécie puramente racional e instrumental, deixando de lado toda uma gama de paixões que movem este ser em situações críticas, de alguma forma ameaçadoras.

De acordo com Castells (2017, p. 171), as redes sociais digitais são “ferramentas à disposição de qualquer indivíduo ou rede de indivíduos autoconstituída que deseje ter suas opiniões divulgadas e convocar os que compartilham sua indignação para se juntar num projeto no espaço urbano”. Neste sentido, ao invés de assumir uma visão determinista e responsabilizar unicamente a internet pelas mudanças nas práticas políticas da sociedade contemporânea, interessa-me aqui traçar uma linha de pensamento que, ao considerar aspectos tecnológicos e humanos, perpassa as possibilidades de



mobilização política das emoções, no *ciberespaço*, por parte de movimentos sociais atuantes na contemporaneidade.

Faz-se necessário, para tanto, observar este contexto sob o prisma das teorias culturais, as quais compreendem que os indivíduos são orientados por uma gama de objetivos culturalmente definidos, e não por um número restrito de impulsos ou incentivos (JASPER, 2016). Como recorte de uma pesquisa mais ampla – em andamento – que aborda a mobilização política de emoções a partir do caso do Movimento Brasil Livre (MBL)³, objetivo aqui refletir, com base em alguns conceitos teóricos e a partir do campo da Comunicação, sobre vinculações possíveis entre *movimentos sociais*, *emoções* e *internet*, buscando responder à seguinte indagação central: de que maneira emoções podem ser politicamente mobilizados nos espaços virtuais de sociabilidade ocupados por movimentos sociais contemporâneos?

Discussões

A institucionalização acadêmica do objeto de estudo *movimentos sociais* aconteceu no Ocidente na década de 1960 em um contexto de grande visibilidade desses movimentos na sociedade, enquanto fenômenos históricos e concretos; desde então, teorias diversas vêm abordando o tema a partir de diferentes lentes analíticas, as quais, junto a interesses temáticos e recortes de pesquisa, constituem um conjunto de elementos que, a depender das escolhas feitas, podem revelar ou obscurecer o papel dos movimentos sociais na sociedade contemporânea (GOHN; BRINGEL, 2014). No Brasil, o período de passagem à democracia despertou o interesse de estudiosos locais em torno das ações coletivas e dos movimentos sociais propriamente ditos; a década de 1980 marcou, de certo modo, a institucionalização deste debate no país mediante a produção de análises qualificadas que ainda hoje servem de referência para o campo.

A partir dos anos 2000, teorias contemporâneas passaram a atender para “identidades e subjetividades coletivas, redes de pertencimento, laços de confiança, etc.” (GOHN, 2014, p. 25), isto

³ O Movimento Brasil Livre, de acordo com sua autonarrativa, surgiu em 2014 com protestos em torno das eleições presidenciais. Participou ativamente do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, e principalmente após este período ampliou sua pauta de debates, indo da economia e política, a questões morais como ideologia de gênero e criminalização do aborto. Liderado por um grupo de jovens de alinhamento direitista, se configura atualmente como o movimento social de maior repercussão no país, contando com quase 3 milhões de seguidores somente em sua página oficial do *Facebook*.



sem deixar de lado o peso do fator tecnológico – em especial o uso das redes sociais digitais. Neste mesmo período, a internet se popularizava e adentrava gradativamente nos ambientes profissionais e pessoais, alcançando uma imensa quantidade de usuários e multiplicando os serviços ofertados. Todavia, antes que teorias do contemporâneo – teoria do enquadramento, da narrativa e da emoção, e da psicologia social – reconhecessem as dimensões culturais dos movimentos socialmente organizados, orientações teóricas psicológicas – teoria das multidões e do ressentimento, pensamentos Freudianos e teoria da escolha racional –, estruturais – teoria da mobilização de recursos e do processo político, pensamentos marxistas e reflexões desenvolvidas por Charles Tilly –, e históricas – essencialmente reflexões de Alain Touraine – serviram de base para a compreensão desses movimentos, as quais, para Jasper (2016), ofereciam visões limitadas do todo amplo e complexo em que se constitui o objeto *movimentos sociais*.

De acordo com o mesmo autor, as teorias psicológicas consideram processos psicológicos como sendo, de certo modo, universais e situados no cérebro e na personalidade dos indivíduos, eliminando qualquer dinâmica cultural que aí possa estar contida: “no misterioso salto dos sentimentos individuais para a política em larga escala, as compreensões e expectativas culturais são deixadas de lado” (Ibid., p. 48). No que diz respeito às teorias estruturais, a crítica consiste no fato de que estas insinuam que restrições institucionais guiam ações por determinados caminhos independentemente do que os membros de dado movimento possam pensar e sentir em relação ao mundo; neste caso, “todas as atividades mentais-emocionais mais significativas para os modelos psicológicos foram abandonadas” (Ibid., p. 49).

As teorias históricas, por sua vez, olham mais atentamente para os significados culturais mobilizados no âmbito dos movimentos, todavia afirmam conhecer a direção em que se move a história; elas não só dizem identificar momentos em que “tudo mudou”, como também afirmam “revelar o ‘verdadeiro significado’ oculto de um movimento em relação à história. [...] Não são teorias culturais no sentido estrito, uma vez que impõem seu próprio significado (ou o suposto significado da história) aos manifestantes que estudam” (Ibid., p. 54). As teorias culturais amplamente exploradas no contemporâneo superam o individualismo das abordagens psicológicas mais antigas ao dispor as atitudes e emoções do indivíduo num contexto social em interação constante com outros; neste caso, os processos e produtos mentais dos sujeitos devem ser observados em seus ambientes naturais, e não por meio de sondagens e experimentos.



Dentre as diferentes possibilidades de recortes de abordagem e lentes analíticas, pelos motivos já expostos, optei por realizar a reflexão aqui proposta sob o viés das teorias culturais e me concentrando na seguinte vinculação possível entre os três temas já mencionados: movimentos sociais da atualidade, a forma como emoções são por eles mobilizadas em suas estratégias e táticas de engajamento e manutenção de apoiadores, e o uso pensado dos espaços de sociabilidade disponibilizados na internet, em especial o *Facebook* – site rede social (RECUERO, 2009) mais utilizada do mundo, e que conta com mais de dois bilhões de usuários ativos⁴. Começemos, pois, entendendo em que consiste um movimento social.

Para Jasper (2016, p. 23), embora não exista uma fronteira clara entre movimentos sociais e outros fenômenos como revoluções, motins, partidos políticos e grupos de interesse, algumas características, quando somadas, auxiliam na definição do que seria um movimento social. Sendo assim, numa linguagem comum, “os movimentos sociais são esforços persistentes e intencionais para promover ou obstruir mudanças jurídicas e sociais de longo alcance, basicamente fora dos canais institucionais sancionados pelas autoridades”. A persistência indica que tais movimentos vão além de eventos isolados, com começo, meio e fim pensados previamente, como reuniões e assembleias; ela pode levar ao desenvolvimento de organizações formais, apesar de este modelo de estrutura não ser um pré-requisito básico para a configuração de um movimento social. No que tange à intencionalidade, temos que

A palavra “intencional” vincula os movimentos a cultura e estratégia: pessoas têm ideias sobre o que desejam, e como consegui-lo, ideias que são filtradas tanto pela cultura quanto pela psicologia individual. Movimentos têm propósitos, mesmo quando estes digam respeito a transformar os próprios membros (como ocorre em muitos movimentos religiosos e de autoajuda) e não o mundo fora deles (Ibid., p. 24) .

A não institucionalidade dos movimentos sociais os distingue estruturalmente de partidos políticos e grupos de interesse, uma vez que estes são “partes regulares e permanentemente financiadas da maioria dos sistemas políticos” (Ibid., p. 24). Todavia, é comum que movimentos socialmente organizados, em seus processos de luta em torno de determinada causa, acabem por criar e/ou manter relações próximas com entidades deste tipo. Estas e outras entidades, assim como

⁴ Dados de junho de 2017. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/06/facebook-chega-a-2-bilhoes-de-usuarios.ghtml>>. Visto em: 03 abr. 2018.



indivíduos – líderes políticos e/ou religiosos, lideranças de movimentos similares e/ou de oposição, artistas, intelectuais, profissionais da mídia, etc. – são atores estratégicos para um movimento. Os seus diferentes lugares de fala e capacidade de influência fazem que com tais atores estejam sempre observando uns aos outros; quando oportuno, estarão vinculados ou de lados opostos.

Qualquer que seja o compromisso estratégico de uma coletividade, os significados produzidos para alcançar seus objetivos estão situados em três grandes eixos: coerção, dinheiro e palavras. Embora movimentos sociais possam lançar mão de tudo que está contido nos eixos mencionados, o uso da persuasão os caracteriza e os define de uma forma geral. Devido a isto, é pertinente tanto considerar o lugar da retórica na atuação dos movimentos sociais, tomando-a como “uma cultura empregada para exercer determinados efeitos sobre outros”, quanto enxergar a política por eles mobilizada como um conjunto de performances que incorporam “informações, sentimentos e moralidade, destinado a inspirar outras pessoas” (JASPER, 2016, p. 42). Sendo assim, podemos considerar o lugar de protagonismo que as emoções ocupam na orientação do engajamento de indivíduos e coletividades, visto que, em meio a ambientes complexos, elas nos falam sobre “o que valorizamos, o que nos atrai, o que nos repele” (Ibid., p. 91). Mas o que seriam estas emoções?

Para que tudo o que foi dito até aqui faça sentido, precisamos considerar as emoções não como “forças cegas”, impulsivas, que dizem respeito somente a sensações corporais; mas, sim, como algo que mantém íntima relação com nossos pensamentos e avaliações e, logo, pouco se assemelha a apetites corporais e estados de ânimo sem razão (NUSSBAUM, 2006). De acordo com a autora (Ibid., p. 43), os pensamentos envolvidos nas emoções não são “simplesmente concomitantes ou requisitos prévios causais. Se são necessários para identificar ou definir uma emoção, e para distinguir uma emoção de outra, isto significa que formam parte do que é a emoção em si mesma, são constitutivos de sua identidade”⁵.

Num esforço para clarear tal separação conceitual, a filósofa estadunidense aponta que as emoções possuem objetos, estando, pois, ancoradas em algo; tais objetos, por sua vez, são “não intencionais”, visto que não é ele que aponta a emoção a ser experienciada por determinada pessoa, mas a maneira como este indivíduo enxerga e interpreta este objeto é que vai definir em que

⁵ No original: “simplesmente concomitantes o requisitos previos causales. Si son necesarios para identificar o definir una emoción, y para distinguir una emoción de otra, esto significa que forman parte de lo que la emoción misma es, son constitutivos de su identidad”. Tradução minha.



dimensões essa emoção o afetará. Um terceiro aspecto reforça essa discriminação: as emoções envolvem crenças em relação a seus objetos, e tais crenças podem ser manipuladas com o intuito de mobilizá-las. Nussbaum (2006) narra uma passagem de Aristóteles em que o filósofo grego, ao tratar de retórica, dava conselhos a jovens oradores acerca de como mobilizar emoções em seus públicos. Para despertar o medo seria necessário, portanto, fazer com que os presentes sentissem que algo de ruim pudesse ocorrer a ele ou a pessoas próximas; a ira seria sentida quando o público acreditasse sofrer por algo injustamente; já o pesar estaria relacionado à percepção do sofrimento significativo de outra pessoa.

A versão de Aristóteles é convincente: as crenças são bases essenciais para a emoção. Cada tipo de emoção está associada com uma família específica de crenças de maneira que, se uma pessoa não crê ou deixa de crer na família relevante, não terá ou deixará de ter a emoção. Por isso, a retórica política é emocionalmente poderosa. É óbvio que os políticos não têm como influenciar diretamente no estado corporal e nas sensações de seu auditório. O que podem influenciar é nas crenças das pessoas a respeito de uma situação (NUSSBAUM, 2006, p. 41)⁶.

A cada tempo histórico, em cenários culturais diversos, novos atores políticos entram em cena e passam a negociar espaços com os já atuantes. Neste contexto, a arte da retórica da qual trata Aristóteles, uma vez que “emocionalmente poderosa” e possível de ser explorada por “outras mãos” que não as da classe política profissional, continua sendo estratégica aos movimentos sociais na busca constante pelo convencimento em torno de determinada ideia. Desta forma, a manipulação de crenças com o objetivo de mobilizar emoções que levem ao engajamento político e/ou manutenção de apoiadores, evidencia uma vinculação possível entre movimentos sociais e emoções. Cabe agora discutir sobre o uso da internet com esta finalidade.

As características dos espaços virtuais de sociabilidade permitem o *ir e vir* dos indivíduos sem que estas movimentações indiquem, de fato, o apoio ou abandono das causas expostas por este ou aquele perfil virtual. Para Recuero (2007; 2009), as redes de sociabilidade na internet sustentam-se em conexões constituídas através de variadas formas de interação e trocas sociais, sendo elas mais

⁶ No original: “La version de Aristoteles es convincente: las creencias son bases esenciales para la emocion. Cada tipo de emocion esta asociada con una familia especifica de creencias tales que, si una persona no cree o deja de creer en la familia relevante, no tendra o dejara de tener la emocion. Por eso, la retorica politica es emocionalmente poderosa. Es obvio que los politicos no tienen manera de influir directamente en el estado corporal y en las sensaciones de su auditorio. En lo que pueden influir es en las creencias de las personas respecto de una situacion”. Tradução minha.



ou menos densas – *laços fortes e fracos*. A partir do pensamento de Mark Granovetter (1973), a autora argumenta que, no âmbito das redes mediadas por computador, a força dos laços é diretamente proporcional à combinação de variáveis como tempo investido, intimidade, confiança e reciprocidade – o que a rigor é tratado pelo sociólogo norte americano como “intensidade emocional”⁷ (GRANOVETTER, 1973, p. 1361). Para além desta classificação binária, ao refletirem interações acontecendo em diversos espaços e sistemas, os laços sociais podem também ser identificados como *multiplexos* (DEGENNE e FORSÉ, 1999; SCOTT, 2000 apud RECUERO, 2009, p. 42).

Uma vez que os *laços fortes* constituem, ainda de acordo com Recuero (2009, p 41), “vias mais amplas e concretas para as trocas sociais”, com o intuito de garantir a execução de seus planos, movimentos socialmente organizados empreendem esforços no sentido de transformar vínculos mais dispersos em relações fortalecidas. Numa experiência exitosa, o indivíduo que antes circulara livremente em meio aos espaços virtuais habitados pelo movimento – ligado por *laços fracos* –, assumiria um perfil mais engajado – de *laços fortes* – podendo ainda tornar-se ator estratégico para este movimento, ocupando as “redes e as ruas” simultaneamente – mediante *laços multiplexos*.

Sendo assim, é neste sujeito *flutuante* que os movimentos sociais concentram suas energias no sentido de engajá-los. A internet configura-se, portanto, como espaço oportuno não só de manutenção de apoiadores de uma ideia, mas, e especialmente, como lugar de aplicação de estratégias e táticas capazes de proporcionar a passagem de um indivíduo qualquer de mero observador a seguidor – no sentido amplo da palavra. Remetendo às *Jornadas de Junho de 2013*, momento em que indivíduos e coletividades ocuparam a interface porosa entre ruas e redes no Brasil (ALZAMORA et al., 2014) para protestar em torno de questões como mobilidade urbana, saúde, educação, segurança pública e corrupção, fica evidente que este tipo de investimento de mobilização nos espaços interativos da *web* é algo que tem alcançado resultados relevantes.

Para completar – mas não encerrar – a reflexão aqui proposta em torno da triangulação movimentos *sociais-emoções-internet*, é preciso ainda abordar a mobilização de emoções especificamente nos espaços virtuais de sociabilidade, tendo em vista que a internet figura, na atualidade, como um amplo e complexo *arquivo e tribunal* das mais variadas demonstrações emotivas (FREIRE FILHO, 2014). Sites de redes sociais, a exemplo do *Facebook*, possibilitam não

⁷ No original: “the strength of a tie is a (probably linear) combination of the amount of time the emotional intensity, the intimacy (mutual confiding), and the reciprocal services which characterize the tie”. Tradução minha.



só que um indivíduo qualquer exponha sem muita censura as suas paixões, mas que este mesmo indivíduo tanto receba *feedbacks* espontâneos e instantâneos sobre o que expôs, quanto que interaja na sua própria publicação e em postagens semelhantes feitas por outros perfis virtuais. Ainda conforme o autor,

As manifestações de alegria, asco, rancor ou tristeza costumam suscitar, por sua vez, comentários solidários ou desfavoráveis da audiência virtual. Conhecimentos científicos, a psicologia popular, textos sagrados, o senso comum e experiências biográficas são acionados para embasar a classificação — célere e taxativa — das expressões e das condutas emocionais alheias (FREIRE FILHO, 2014, p. 01).

Uma vez que reconhecida a capacidade mobilizadora intrínseca a determinadas ferramentas de comunicação *online*, estas passaram a ser usadas estrategicamente por movimentos sociais com a finalidade de engajar o maior número possível de seguidores. Em 2011, o Egito foi surpreendido por uma onda de protestos que enfrentavam o regime do ditador Hosni Mubarak; até então, as atrocidades do soberano atravessaram décadas sendo vistas com repulsa, frustração e passividade. Nos primeiros dias da revolução egípcia, Mubarak, enxergando o potencial mobilizador do fluxo de informações pelas redes globais, tentou bloqueá-lo a todo custo; a princípio conseguiu interromper a circulação de mensagens de texto, e em seguida solicitou aos maiores provedores de serviços de internet que desligassem seus roteadores. Apesar do esforço do ditador, métodos alternativos foram fortemente ativados pela sociedade civil como forma de resistência, e os protestos seguiram ainda mais fortalecidos.

Através de perfis oficiais em redes de sociabilidade *online* – *Facebook*, *Twitter*, *YouTube*, *Instagram* –, textos, vídeos, imagens gráficas, fotografias, memes, etc., autorais ou de páginas parceiras, são diária e estrategicamente compartilhados, gerando interações das mais vastas. Ferramentas comunicacionais como o *Facebook* são utilizadas ainda para agendar e divulgar eventos futuros, os quais, para acontecer, precisam que os apoiadores ocupem simultaneamente as redes e as ruas – estas, para protestar na data e local indicados; aquelas, para multiplicar informações acerca do evento. Para que se dê a ação política, emoções precisam ser constantemente mobilizadas. No cenário brasileiro, é cada vez mais comum a incitação direta de paixões como raiva e indignação; outras tantas são com frequência estimuladas de forma mais indireta, por meio da manipulação de crenças, a exemplo claro do medo – a depender do movimento social, medo do desemprego, da ausência de



serviços básicos gratuitos, da insegurança, da destruição do meio ambiente, etc. Abaixo uma ilustração para tornar assimilável o que está sendo dito até aqui:

MBL - Movimento Brasil Livre
Página curtida · 3 de abril · 🌐

O Lula já foi às ruas. Já deu seu giro pelo país - pago com nosso dinheiro também - . Já pôde mentir o quanto quis. O trabalho dele já foi feito.

E o seu trabalho? Vai deixar pra mais alguém? Está achando que está tudo bem um bandido rodando livremente por aí?

Não se engane e não terceirize sua responsabilidade. Se VOCÊ não for, ele volta.

É hoje.

LISTA DE CIDADES AQUI
<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856.1073741829.204223673035117/887628208027990/?type=3&theater>

O MBL está participando dos atos Anti-Lula e está organizando a volta às ruas no dia 3/4 para exigir a prisão do maior bandido do país. Ajude nosso trabalho. Acesse mbl.org.br/contribua

Escreva um comentário...

Post do MBL para convocar manifestações em torno da prisão do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva⁸

A postagem acima foi realizada pelo grupo em sua página oficial do *Facebook* – MBL - Movimento Brasil Livre – cinco dias antes da condenação em segunda instância do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, determinada pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O *post* combina a convocação para um evento de protesto, a manipulação de crenças em torno do político petista, e a mobilização do medo. Numa análise sucinta do material, temos: 1 - a afirmação de que Lula foi às ruas usando dinheiro do povo e mentindo por onde passou incitam a raiva direta, uma vez que fazem

8

Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856.1073741829.204223673035117/887628208027990/?type=3&theater>. Visto em: 10. abr. 2018.



com que os indivíduos sintam-se injustiçados e indignados com tais atitudes do ex-presidente; 2 - ao destacarem que um bandido está circulando livremente, significados culturais são explorados – manipulação de crenças – de forma astuta para que a audiência acredite no perigo que aí reside (estando livre, Lula poderá se candidatar, vencer as eleições e voltar a colocar o país no fundo do poço com seu alinhamento político de esquerda); 3 - junto à data do evento e um link com informações sobre os locais onde iriam acontecer as manifestações, o MBL transfere a responsabilidade para a público apoiador e/ou em potencial, “Não se engane e não terceirize sua responsabilidade. Se VOCÊ não for, Ele volta”, uma vez mais despertando o medo do que possa vir a acontecer; 4 - para movimentos de direita, o uso das cores verde e amarelo, em alusão à bandeira do Brasil, indica que estão “do lado da nação” e contra a esquerda (ligada ao vermelho do Partido dos Trabalhadores).

Neste caso evidente de mobilização política de emoções, personagens foram moralmente caracterizados. Ao projetarem de maneira direta o ex-presidente num lugar de vilão, responsável por diversos males à nação brasileira e que, por conta disso, precisa ser barrado, o Movimento se coloca do lado oposto, como moralmente correto, tão vítima das atitudes de Lula quanto toda a nação, e que, por sua moralidade intacta, representa o “lado certo da história”, aquele a que os bons e dignos devem seguir se não quiserem continuar enfrentando situações difíceis em seu país.

Como vimos, na mobilização política de emoções por parte de movimentos sociais diversos, um outro fator é levado em conta: os princípios e intuições morais. Uma vez intrinsecamente atravessada por racionalidade, as paixões que nos guiam falam-nos sobre aprovação e desaprovação, sobre o certo e o errado a se fazer. Temos emoções morais relativas às nossas própria ações – podemos sentir vergonha de algum atitude nossa –, bem como às ações de outros – é possível que sintamos indignação diante algo que consideramos injusto. Jasper (2016, p. 90) coloca que “as emoções morais estão no cerne de um movimento social, já que fornecem uma forma de fazer afirmações sobre outros, incorporá-los à sua visão de mundo e motivá-los a participar com entusiasmo”. Sendo assim, movimentos socialmente organizados sustentados em pautas das mais diversas procuram manipular crenças que façam indivíduos e coletividades experienciarem emoções ditas “justas”, as quais não podem e nem devem ser reprimidas, tendo em vista que, segundo o discurso persuasivo do movimento, garantem as estas pessoas estarem do lado correto do processo político que está se desenrolando.



Considerações

Em sua maioria, os movimentos sociais são movimentos de protesto focados naquilo que seus participantes consideram equivocado, ofensivo em seus mundos. Tais grupos atuam simultaneamente em arenas diversas, amparados em significados culturais que lhes são disponíveis para tomarem suas decisões estratégicas e táticas, e, então, formularem visões morais que os auxiliem no engajamento de outros sujeitos. Para tanto, apoiam-se em portadores de sentido físicos e figurativos, organizam recursos e recrutam astutamente atores variados. Precisam, a todo tempo, caracterizar personagens, ação que “se destina a definir os tipos de caráter deles próprios e de outros atores”, e que é fundamental para o trabalho retórico dos manifestantes, “em parte porque os personagens nos dizem que emoções devemos sentir sobre quem” (JASPER, 2016, p. 77).

A complexidade do objeto demanda que ele seja observado pelo prisma das teorias culturais, as quais preocupam-se com o sujeito em nível microssocial, atentam para o ponto de vista dos indivíduos em interação constante com atores dos mais diferentes, seus sentimentos, objetivos e ações – com relação a si mesmo e aos outros –, as escolhas que fazem para seguir adiante, seja junto ao movimento ou não, uma vez que o abandono também tem muito a dizer. Tratam-se, pois, de teorias da ação, e não da estrutura, concentradas em processos culturais e psicológicos que nos permitem enxergar amplamente os movimentos sociais e responder a grande parte das indagações que o cercam.

É somente por meio destas lentes analíticas que podemos assimilar de forma mais clara vinculações possíveis entre *movimentos sociais*, *emoções* e *internet*. Aqui, com efeito, tratamos de delinear traços introdutórios sobre uma delas: a mobilização política de emoções, no *ciberespaço*, por parte de movimentos sociais contemporâneos. Toda a reflexão desenvolveu-se partindo da premissa de que, se por um lado, o fator emoção sempre foi explorado por tais grupos em suas táticas e estratégias de engajamentos e manutenção de apoiadores, por outro, a disseminação das TICs ofereceu as condições de possibilidade para que a dinâmica de atuação dos movimentos sociais ganhasse contornos originais.

Durante os anos de 1945 e 1964, houve um período de populismo no Brasil. Neste cenário, Getúlio Vargas, presidente conhecido como “pai dos pobres”, destacou-se enquanto líder carismático,



estabelecendo laços emocionais com seus eleitores; a exploração de emoções para firmar tais laços garantiam ao presidente apoio incondicional. Com ressalvas, podemos trazer questões desse fato para o tempo presente e recorte temático aqui proposto. As emoções sempre foram astutamente exploradas pelos movimentos sociais com o objetivo de engajamento, mas a disseminação das TICs ofertou novas espaços para que isso acontecesse. Uma vez que a internet funciona como espaço propício para deixar transparecer nossas vastas paixões, o uso estratégico de tamanha exposição não foi desperdiçado.

Respondo, por fim, a indagação central deste trabalho: de que maneira emoções podem ser politicamente mobilizados nos espaços virtuais de sociabilidade ocupados por movimentos sociais contemporâneos? Acredito que tal processo se dá mediante a manipulação de crenças – com base em significados culturais –, a qual resultará inevitavelmente na mobilização de emoções. O manejo das crenças por parte de movimentos sociais encontra nos espaços de sociabilidade *online* um terreno fértil para que os diferentes formatos de narrativas possam ser disponibilizados e multiplicados rapidamente, fazendo com que apoiadores fieis e seguidores em potencial possam ter suas emoções canalizadas para a ação política efetiva.

Longe de tentar encerrar aqui um debate acerca das vinculações possíveis na triangulação movimentos *sociais-emoções-internet*, busquei expor breves conceitos e delinear linhas de pensamentos que têm me norteado na já mencionada pesquisa acadêmica. Por hora, o objetivo maior foi despertar reflexões sobre o quanto o acréscimo de um novo ingrediente – no caso, as TICs – pode interferir no modo de preparo da receita – a mobilização política de emoções por parte de movimentos sociais do contemporâneo. Sigo, portanto, com os esforços investigativos em torno de minha tese, indagando-me especialmente sobre as questões morais que permeiam a manipulação de crenças e consequente mobilização política de emoções por parte do Movimento Brasil Livre (MBL).

Referências

ALZAMORA, Geane; ARCE, Tacyana; UTSCH, Raquel. Acontecimentos agenciados em rede: Os eventos do Facebook no dispositivo protesto. In: SILVA, Regina H. Alves da (Org.). **Redes e ruas: Dinâmicas dos protestosBR**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BARREIRA, Irllys Alencar. F. Ação direta e simbologia das “jornadas de junho”: notas para uma sociologia das manifestações. **Contemporânea** - Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos. v. 4, n. 1, jan.-jun. 2014, pp. 145-164. Disponível em:



<<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/196/100>>. Visto em: 20 nov. 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2007. v. 1: Artes de fazer.

FREIRE FILHO, João. Comunicação, emoções e moralidade: a Internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. In: 38º Encontro Anual da ANPOCS, 2014, Caxambu, MG. **Anais do 38º Encontro Anual da Anpocs**, 2014.

GOHN, M. da Glória; BRINGEL, B. M. (orgs.). **Movimentos sociais na era global**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GONH, M. da Glória. Teorias dos movimentos sociais na contemporaneidade. In: GOHN, M. da Glória; BRINGEL, B. M. (orgs.). **Movimentos sociais na era global**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 19-36.

GRANOVETTER, Mark. The Strengh of Weak Ties. **The American Journal of Sociology**. vol. 78, n. 6, p. 1360-1380, maio de 1973.

JASPER, James M. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

NUSSBAUM, Martha. **El ocultamiento de lo humano: repugnancia, vergüenza y ley**. Trad. Gabriel Zadunaisky. 1. ed. Buenos Aires: Katz, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **Considerações sobre a Difusão de Informações em Redes Sociais na Internet**. In: VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2007, Passo Fundo - RS. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0464-1.pdf>>. Visto em: 07 mar. 2018.